

## SUBJETIVIDADE E POÉTICA NO PENSAMENTO DE KIERKEGAARD

*Subjectivity and poetics in Kierkegaard's Thought*

Gabriel Kafure da Rocha<sup>1</sup>

**Resumo:** A maneira como o movimento kierkegaardiano coloca a subjetividade como verdade se opõe à sistematização da massa e traz a questão de uma visão valorativa da poética como possibilidade de uma ética. A questão que permeia essa ética é o que é o real, este não pode ser mais simplesmente o idealismo racional, mas uma realidade poética e histórica da subjetividade que faz possível ver que o homem exercer a liberdade da escolha como autoconstrução de si. O homem encontra uma incapacidade perante as exigências absolutas e ao se assumir sua subjetividade como verdade acaba precisando passar por um processo de dessubjetivação, de trazer a tona o que está escondido e não-dito por meio da poética. Kierkegaard é um poeta da religião e por sua vez tentará mostrar como a superar a estética através da ética da subjetividade.

**Palavras-chave:** poética, subjetividade, história.

**Abstract:** The way that kierkegaardian movement puts subjectivity as truth opposes to the systematization of mass and brings up the question of a positive view of poetics as the possibility of an ethics. The question that permeates this ethics is that what is real cannot be more simply rational idealism, but a poetic and historical reality of subjectivity that makes possible to see man using their freedom of choice as self-constructing. Man finds a failure before the absolute demands and by assuming his subjectivity as truth ends up needing to go through a process of de-subjectivation, in order to bring to light what is hidden and unsaid by poetics. Kierkegaard is a poet of religion and in turn attempts to show how to overcome the aesthetic through the ethics of subjectivity.

**Keywords:** poetics, subjectivity, history.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), filósofo dinamarquês e gênio literário foi um precursor em escrever por meio de pseudônimos, e com isso deu uma vida própria à multiplicidade dos seus “eus”. Em sua obra, embora haja um movimento que vai da poesia para a existência religiosa, como um poeta do desconhecido e do absurdo, livre dos sistemas, Kierkegaard esteve preocupado com a sua existência, buscando conhecer a complexidade quem era o seu “eu” dentro do contexto histórico de Copenhague no Séc. XIX.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia/UFPI.

O poeta, diz-nos Kierkegaard “é o gênio da recordação. Nada pode, senão recordar. Nada, senão admirar o que se cumpriu. Nada extrai de si mesmo, porém do depósito sob sua custódia, é guarda ciumento” (Kierkegaard apud REICHMANN, 1963, p. 13). Refletindo sobre sua paixão pelo absurdo, concluiu que a fé é o desconhecido silêncio divino. Do silêncio surge o canto que resulta da fé. Ainda que como poeta, o indivíduo fosse um simples fingidor, e por isso muitas vezes ele mesmo não tinha fé, foi justamente isso que levou Kierkegaard a questionar se este fingimento resulta da multidão ou da individualidade, ou seja, se a subjetividade da poética é uma concepção autêntica ou se é a reprodução de status culturais. Assim sendo, é preciso ressaltar a importância da singularidade como afirmação de ser um indivíduo único (Enkelte)<sup>2</sup> e diferente da grande massa (*Maengden*)<sup>3</sup> do povo. Essa tarefa girou em torno do que se interpreta como o criar (*Poiésis*), transformar-se eticamente e o tornar-se um si mesmo.

O criar está ligado ao estágio<sup>4</sup> estético, o transformar ao ético e o tornar-se a si mesmo ao religioso. Neste último, o indivíduo torna-se um eu autêntico por ter escolhido a si diante de todos os dilemas escolhas que o angustiaram na vida. Por isso também, para Kierkegaard, o tema da fé encontrada na religiosidade é central para a compreensão da subjetividade humana, sendo algo disponível para todos, intelectuais e ignorantes. Nesse sentido, todo sujeito é capaz de construir a si mesmo como uma obra de arte. É o que se pode também chamar de uma autopoética, sendo fundamental para a construção existencial do indivíduo.

A poesia auxilia os leitores na apreensão dos seus próprios “eus”, ela devora as pessoas com a paixão. O *pathos*, em Kierkegaard, é essencial para a compreensão do seu

---

<sup>2</sup> As citações referentes aos nomes dos conceitos kierkegaardianos na língua dinamarquesa seguem a referência do *Kierkegaard Vocabulaire* de POLITIS, 2002, pp. 56-63.

<sup>3</sup> “es preciso que antes de nada se atienda a que cada hombre seja un hombre individual y seya conciente de ser un hombre individual. Em cambio, si se empieza por permitir a los hombres que se agrupen precipitadamente en ésa que ya Aristóteles llamó “categoría animal”, es decir, la multitud [*Maengden*]” Kierkegaard. *La enfermedad mortal*, Trotta, p.152-153. Sobre esse conceito segue-se uma ponte entre a filosofia kierkegaardiana e aristotélica, nesse sentido *Maengden* é uma palavra dinamarquesa que se refere aos conceitos gregos, assim as outras palavras que se seguem no texto: *poiésis* e *energeia* seguem a conceituação grega de Aristóteles que será trabalhada por Kierkegaard na obra *Postscriptum conclusivo não-científico às Migalhas filosóficas* e que transmite o caminho da poética que pretende-se trabalhar no presente projeto.

<sup>4</sup> Kierkegaard atribui três estádios à existência: o ético, o estético e o religioso. Decide-se aqui pela palavra estágio para distinguir de estágio. Pois, a palavra estágio pode ter um sentido de graduação, mesmo que esta distinção não tenha um correspondente no português de Portugal. Pois a palavra *estádio* continua tendo este significado de graduação, para os portugueses. E alguns comentadores brasileiros como GOUVÊIA (2006) usam a palavra “Estação”. A preferência pela palavra estágio, no entanto, se dá por ser mais utilizada pela comunidade kierkegaardiana em geral e por seguir também um dos primeiros tradutores e comentadores de Kierkegaard no Brasil: VALLS (2000). Os estádios representam a escolha humana perante a vida, e sendo a religião a escolha mais singular da existência, Kierkegaard reconheceu que a estética e a ética não representam nem o mal, nem o bem, são simplesmente escolhas subjetivas que têm como consequência um homem imediato, muitas vezes inconsciente de si, mas que, segundo a tradução de Valls em *O conceito de ironia*, pode realizar o *At digte*, ou seja, o poetar livremente.

pensamento, mesmo que seja algumas vezes levado ao conceito de patético, sentimento ingênuo do romantismo. Em obras tais como o *Postscriptum conclusivo às migalhas filosóficas* (1846), Kierkegaard apresenta como subtítulo uma mímico-patética-dialética. A importância disso é que o *pathos* em Kierkegaard é ressaltado no sentido de uma dialética apaixonada pelo paradoxo<sup>5</sup> baseada na imitação de Cristo.

Kierkegaard inovou com sua visão cristã e religiosa da poética, tanto que criticou os românticos no sentido de considerar mais útil promover uma transição da relação entre o finito e o eterno; nessa intenção haveria uma verdade infinitamente subjetiva e poética, pois a fé seria pré-condição de sua validade e o tema central da poética. Nesse sentido, será feita uma análise da ética kierkegaardiana na obra *Postscriptum definitivo às Migalhas Filosóficas* procurando encontrar elementos críticos entre a poética, história, individualidade e comunidade.

## 2. O POETA DA SUBJETIVIDADE

"Em dezembro de 1845, tinha terminado o manuscrito do Post-Scriptum definitivo; [...] Esta publicação é o ponto crítico de toda a minha obra;" (KIERKEGAARD, ponto de vista, p. 64)

O objetivo central de Kierkegaard ao escrever o *Postscriptum* é colocar dentro de um ponto de vista cético a tarefa de como é verdadeiramente o tornar-se cristão, já que para ele, todos se dizem cristãos, mas pouco realmente o são e talvez, seja até impossível ser verdadeiramente um cristão. Para isso se utilizará do pseudônimo Johannes Climacus<sup>6</sup>, personagem que significa a escada da ascensão. Clímacus se baseia principalmente no desequilíbrio entre realidade e conceito, sua filosofia opera entre o interior e o exterior.

Essa questão do interior e do exterior é amplamente criticada pelo filósofo, chegando à conclusão de que essa questão reflete a relação entre o "eu e o outro". O outro sendo o exterior, não pode ser igual ao eu, pois ambos estão na tarefa de edificar a sua singularidade. Nisso, é possível citar experimento da transformação da vida pessoal do próprio Kierkegaard que posto no contexto histórico dinamarquês via a exterioridade como um quadro político cômico em que a ética daquele local mostrava que as igrejas eram

<sup>5</sup> Para um estudo mais aprofundado ver GOUVÊIA, Ricardo. *Paixão Pelo Paradoxo: uma introdução a Kierkegaard*. São Paulo: Novo Século, 2000.

<sup>6</sup> "Acerca Del origem Del seudónimo. Johannes Climacus, que conocemos como san Juan Clímaco, fue un monje bizantino que vivió entre 580 y 650 de nuestra era. [...] cuando era famoso como padre espiritual, regresa a Santa Catalina, donde es elegido hígumeno Del monasterio, y allí redacta su famosa obra, *Klímax tou paraisou*, que los latinos conocieron como scala paradisi, La escalera al paraiso" (Jordan IN: DOBRE, 2011, p.71).

como um grande teatro e os teatros eram como a manifestação das sombras da individualidade humana. Ou seja, a ilusão imitava a realidade, ao passo que a realidade ético-religiosa era uma grande ilusão.

Dessa maneira, se tornou claro para Kierkegaard, a emersão do conceito de massa, por isso o riso e o divertimento do povo dinamarquês, para o filósofo, tornaram-se alienados às concepções existenciais e políticas da Europa naquela época. Ou seja, as pessoas buscavam o riso de toda forma, para tentar fugir do grande desespero e angústia que vivam no seu eu. O que não é muito diferente da realidade contemporânea em vários lugares do mundo.

Nesse sentido, o eu, sendo uma síntese entre espírito e corpo e arraigado as concepções da cristandade estava preso a noção de pecado, sendo nada mais do que um desejo estético desenfreado. Já que até então, no fenômeno da cristandade, da religiosidade aparente e da exterioridade das pessoas que se situavam naquele contexto político-religioso, não queriam ser elas mesmas, elas queriam ser os estereótipos que a massa propunha.

Podemos dizer que essa transformação do eu que Kierkegaard empenhou no processo de individualidade da sua obra consistiu numa meta-perspectiva, conceito de identificação entre a pseudonímia com os conceitos filosóficos vigentes na época. A verdadeira transformação da existência através da poética, era o de criar uma obra transformadora de si, era como "se tivesse modificado a minha produção, mas não o meu modo de existência, a situação ter-se-ia afastado da dialética e teria caído na confusão" (KIERKEGAARD, 1986, p. 72).

Esse processo gerado desencadeou a noção de subjetividade como verdade para se opor à massa sistematizada. "Se o mal vem da massa, o autor religioso contemporâneo deve, pela honra a Deus, velar por ser objeto de perseguição da massa" (Idem, p. 70). Com isso, Kierkegaard se sentia em sua comunidade como objeto de riso, já que todos sabiam quem era o autor dos escritos pseudônimos. É engraçado que Kierkegaard coloca que nesse momento sua "*Erscheinung* (aparência) de mundanidade, se [faz no] esconder o autor religioso que, exatamente na época, se entregava para a sua edificação a tanta religiosidade" (Idem, p. 71 – grifos nossos)

Por isso, no decorrer de sua obra com cerca de 70 livros, a cada obra estética e ética que publicou, publicava paralelamente uma obra religiosa. Basicamente a ideia kierkegaardiana é que o indivíduo não precisa de uma igreja ou mesmo de um conhecimento erudito da bíblia para entrar em contato com Deus. O que ele precisa é se edificar na sua verdadeira interioridade. De modo que, na medida em que as pessoas se

tornam mais objetivas, se tornam mais cômicas também e pouco ligadas a um contato verdadeiramente apaixonado com a espiritualidade.

Assim um poeta poderia ainda tornar claro que a teologia literalista é coisa do passado, ao eternizar, comicamente, um tal desafortunado servidor da letra em seu romantismo tragicômico, pois por toda parte onde há paixão, há romantismo, e aquele que tem flexibilidade e senso de paixão, e que não aprendeu apenas decorado o que é poesia, verá em tal figura uma bela exaltação apaixonada (KIERKEGAARD, 2012, p. 41)

Diferentemente do poeta, o filósofo, representado pelo pseudônimo Clímacus, não tem a imaginação virtuosa da melancolia poética, por isso ele é uma figura cética e cômica dentro da perspectiva crítica kierkegaardiana. Entretanto, mesmo com ceticismo, ainda tem ao seu lado a paixão, presente em todos os âmbito, é o *pathos* o elo de ligação entre a fé e a ética. O poeta, mestre da paixão, sente nesse imediatismo patológico, a necessidade de uma profundidade dialética e filosófica pelo paradoxo. Esta categoria, muitas vezes confundida com um irracionalismo, mostra que a razão deve ir além das suas categorias lógicas.

A subjetividade faz o caminho da *Inderlighed*, palavra dinamarquesa que mostra o caminho da intimidade no sentido de uma intensidade tal qual na paixão. Não significando necessariamente emoção ou desejo, designada pela palavra dinamarquesa *Lindeskab*, mas significa o sofrimento perante as contradições da existência. Assim o paradoxo da paixão é o sofrimento silencioso como uma autopreocupação do indivíduo.

Tornar-se um si mesmo é tornar-se subjetivo e isso não quer dizer eliminar o aspecto objetivo de si e do mundo. Esse empreendimento faz que um objeto se transforme em algo subjetivo, de forma que ele não possa ser definido a não ser por apropriação. A palavra dinamarquesa *Tilgæne* designa fazer uma coisa própria, é fazer a ideia viver em si e essa é a verdade subjetiva.

“Clímacus diz que “a verdade é subjetividade”. O que é a mesma coisa que dizer que a verdade é se tornar quem você é” (MACKKEY, 1971, p. 181).<sup>7</sup> Clímacus percebe com astúcia que a autopoiesis parece ser algo ironicamente redundante, mas paradoxalmente grande e maior até mesmo de tentar ser o que não se é. Como ele mesmo explica mais a frente:

Comumente se acredita que ser subjetivo não constitui nenhuma arte. [...] Mas agora, tornar-se naquilo que já se é, sem mais nem menos: quem afinal, desperdiçaria seu tempo com isso? Seria, de fato, a mais

<sup>7</sup> Trad. Livre de “Clímacus says that ‘truth is subjectivity’. Or, what is the same thing, ‘truth is becoming oneself.’”

resignada de todas as tarefas da vida. Com toda a certeza! Mas já por essa razão ela é, desde logo, extremamente difícil, de fato, a mais difícil de todas, porque todo ser humano tem um forte prazer e uma pulsão para tornar algo diferente e de maior do que ele é (KIERKEGAARD, 2012, p. 135)

Vemos aí o aspecto paradoxal da subjetividade kierkegaardiana, já que encontrar a sua verdade interior como um indivíduo singular não é ser simplesmente diferente dos outros, mas é ser você mesmo. É um movimento de reduplicação no sentido de se fazer diferente para ver que nessa diferença você só pode ser igual ao que sempre foi. É uma maneira de reatualização e é nessa autopoesis o ponto que questionamos justamente o papel do poeta.

Assim, logo em seguida Clímacus põe poeticamente o seguinte problema: a “poesia perambula por aí preocupada e corre atrás do seu objeto. Enquanto todos nós somos sujeitos, a poesia tem de se contentar com uma seleção muito parcimoniosa de sujeitos que ela possa utilizar; e, contudo, a poesia precisa mesmo é de subjetividade” (KIERKEGAARD, 2012, p. 136)

Por que será que a poesia precisa de subjetividades? Na verdade, podemos ver que a subjetividade enquanto verdade é maior do que a poesia, até porque o poeta pode ser um simples fingidor, como falou-se anteriormente. Parece que o movimento aristotélico de considerar a própria poesia como tão verdadeira quanto a história não é algo tão simples assim e Kierkegaard deduz isso rapidamente colocando-a dentro da questão da subjetividade.

O poeta se alimenta da subjetividade dos sujeitos para fazê-los o que são, eis aí uma chave, se ele torna uma pessoa herói, presume-se que ele já o era, mas precisou ser reconhecido enquanto tal. “Encontrando o objeto de sua busca, ele vai de porta em porta a recitar seus cantos e seus discursos com o fim de que todos participem de sua admiração pelo herói” (Kierkegaard apud REICHMANN, 1963, p. 13). Objetivamente não é possível se tornar um simples herói ético. Assim também Clímacus problematiza o cristianismo, já que não é tão fácil ser um cristão ético, por que a cristandade não age tal qual um poeta cantando os feitos de Cristo e buscando sua imitação?

Sem dúvida alguma, o próprio fato do pecado ser um obstáculo, fez com que os pastores luteranos dinamarqueses da época, dissessem o que era o real, mas que essa realidade implicava em pecado, fazendo com que a ética se perdesse na sua idealidade. Ao mesmo tempo, o pecado estabelecia o pecador fora do geral, ou seja, o pecado obrigava o existente a relacionar-se negativamente com o absoluto (Deus).

Nesse sentido, se relacionar com o absoluto deve ser também uma construção subjetiva, não é a cristandade que vai ensinar isso, mas sim a própria construção individual e autêntica da prática cristã de cada um. Cada ser humano tem a uma *história* e nesta a *pecabilidade*, ou pelo menos o problema que a cristandade se utiliza para dominar o indivíduo e tirá-lo da sua subjetividade para uma objetividade fútil e massificada. Nisso o sujeito se perde e perde a sua possibilidade de tornar-se a si mesmo, por isso a poesia na sua rebeldia se mostrava necessária para a subjetividade.

para Kierkegaard o pecado, não o primeiro, mas todo, é objeto de uma atenção privilegiada, quase se pode dizer de um desvelo infinito, pois é ele quem constitui a categoria suprema da personalidade. (...) Ninguém pode assumir por nós o nosso próprio pecado que nos estabelece na absoluta solidão. O indivíduo é criado como Indivíduo através desse pecado que sem explicação alguma, ao mesmo tempo em que põe o homem como pecador, revela Deus como aquele em face do qual se é pecador (LOURENÇO, 1987, p. 152)

Por meio de Kierkegaard, mostrou-se que na história surgia a concepção meio-poética da consideração ética, que é um fator importante para a relação dialética. Porque o internalismo ou subjetivismo ético se refletia de maneira totalmente diferente da estética. Numa visão histórica de um ponto de vista religioso, importava superar os relativismos da história para uma visão do absoluto que é Deus.

### 3. A QUESTÃO DA FRAGMENTARIEDADE

Apesar da II parte do *Postscriptum* ainda não estar traduzida, foi possível empreender uma leitura sobre continuação acerca do tema da poética e da história através de traduções para outras línguas. Nisso, se viu no decorrer da obra, que Clímacus colocou o seu devir subjetivo principalmente na fragmentariedade filosófica e poética. “Por desgraça, a única similitude que pude encontrar entre o início de minha fragmentária empresa filosófica e o milagroso começo daquele herói poético, é que se tratava de um lugar público” (Kierkegaard, 2008, p. 186)<sup>8</sup>

Esse lugar público que foi a comunidade de Copenhague funcionou como um grande laboratório para o poeta cristão. Ele se mostrava sempre rejuvenescido como um

<sup>8</sup> "Regrettably, the only similarity have been able to detect between the beginning of my fragment of philosophic endeavor and the miraculous beginning of that poetic hero is that it was in a public place." (KIERKGAARD, 1992, p. 185)

jovem amante, entretanto nisso, era visto também com preconceito. Vale ressaltar que Kierkegaard indicou que nas tragédias antigas não havia subjetividade por conta do sentimento de hereditariedade do destino, já na modernidade o indivíduo teria o livre arbítrio de ser ou não-ser e isso fazia do cristianismo a religião da subjetividade. “Como se um poeta e um dialético estivessem vigiando cada um de teus passos, agora que fizeste uma compreensão mais definida de tua caprichosa ideia de que debes se voltar para as coisas mais difíceis” (KIERKEGAARD, 2008, p. 244)<sup>9</sup>. O que há nessa dificuldade? Para Kierkegaard, é essa construção autêntica e verdadeira da sua subjetividade. Tanto que essa vigília não é nada mais do que o seu próprio ímpetus ou vontade se afirmando na existência.

Algumas páginas depois, numa nota de rodapé, Kierkegaard disse que é preciso “em um discurso edificante, como regra, alguém se abstém dos mais fortes e pormenores retratos dos estados da mente através de um jogo psicológico de cores, e, qualquer que seja a razão para isto é o poeta e o ímpetus poético.” (KIERKEGAARD, 2008, p. 259)<sup>10</sup>. Logo, aí está a diferença entre o poeta e o orador, em que não há *telos* no poético, somente importa a arte e as representações. Ao passo que pelo orador tudo se torna edificante, essa é uma habilidade fundamental, de transformar todo joio em trigo.

O poeta fica tão extasiado com a paixão que não entende que esse *pathos* é só um impulso primeiro para chegar a algo mais elevado. No transportar das pessoas para dimensões estéticas, éticas e religiosas a diferença torna-se decisiva uma vez que a subjetividade é alcançada, então os estudos passam a ser transformados em conhecimento aprendido.

A persistência de uma existência poética estava fundamentada na verdade que é construída para si é o fundamento do pensamento ético. Por sua vez, se há uma verdade protegida, ou seja, decisivamente ocupada em sofrer por outros e nisso está também a ideia de um tu que seja tão importante quanto o eu, é nesse tipo de dilema que a paixão alcança o grau do desespero religioso. Porque em seu egoísmo, há um momento de deixar de ser simplesmente existência sem sentido para ser existência enquanto possibilidade.

É por isso que o cristianismo renovou aos poetas e aos pensadores, ele é o envolvimento sério e bem humorado com a busca pelo sentido da vida e da religiosidade.

---

<sup>9</sup> Pela ideia da tradução inglesa, devemos não só nos voltar, mas também tentar o mais difícil. "As if a poet and a dialectician kept your every step under surveillance, now that you have gained a more definite understanding of your own whimsical idea that you must try to make something difficult" (Idem, p. 241)

<sup>10</sup> "As a rule, in an upbuilding discourse one refrains from the stronger and more thorough portrayal of states of mind with a psychological play of colors and, whatever the reason may be, whether the individual speaker cannot or will not, leaves that to the poet and poetic ímpetus [transport]" (KIERKEGAARD, 1992, p. 257)



Nesse movimento há evidentemente a antecipação do eterno. Nisso o observador contempla a si mesmo por meio das suas obras.

Será que a contradição da vida é só começo? Não somente, no entanto, não é como a vida na fé, que é atravessada pela contradição de ponta a ponta. Onde há paixão, há contradição e Kierkegaard entende que a paixão maior é a fé então por isso canalizou a sua poética para trazer um discurso mais autêntico de si.

Até na paixão maior, que é Deus, pode entrar a razão. Esta não é o fundamento, mas sim o paradoxo: Cristo, é o fundamento dessa paixão. A dialética da fé é uma dialética da paixão e da razão. O poeta pode ser um homem de fé, tem uma capacidade de percepção histórica rica, complexa. A fé produz poetas, mas poetas não produzem a fé, por isso a poética para ser ética precisa da religião, nesse sentido foi preciso a vivência fragmentária do eu kierkegaardiano para a compreensão da continuidade necessária para a verdade da subjetividade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inevitável que Clímacus veja o ético de forma cética, tal que ao falar da própria genialidade, veja que a recordação poética traga uma possibilidade nova para o jogo de sombras em que a história do mundo se passava. Clímacus brinca e ironiza sobre essas concepções de subjetividades que necessitam de gênios para provar a existência de Deus, pois é uma maneira ontológica de esquecer a importância da história poética na subjetividade.

Nesse *Postscriptum* conclusivo se deu uma maneira clara da definição da verdade enquanto subjetividade fundamentada na história, tal qual havia sido preconizado nas Migalhas Filosóficas. E nessa fundamentação entra um realismo religioso mais cético e crítico do que alguns outros filósofos que tentaram superar e separar religião e filosofia, mas corroboraram ingenuamente, para que o poder continuasse nas mãos da igreja.

Não é dizer que Kierkegaard mudou essa situação, mas ele é um dos primeiros modernos que se colocou de maneira singular diante da subjetividade do seu ponto de vista, estando além as jogadas políticas e ainda assim se manifestando politicamente na sua comunidade como um indivíduo excêntrico e poético.

"Por isso, a concepção da história do mundo facilmente se torna um assombro meio poético, ao invés de uma orientação ética. Mesmo para um juiz, quanto mais importantes são as partes em disputa, mais difícil se torna aclarar a questão" (KIERKEGAARD, 2012, p. 147). Em suma, Clímacus não se deu por satisfeito e atentou

para a fragilidade dos devaneios poéticos, o que por ora não resolve completamente a questão da presente pesquisa. Já que se até agora houve uma relação dúbia com a poética, essa dualidade está ligada até mesmo com o aspecto qualitativamente dialético do bem e o mal. Ao se reportar a si mesmo, o ético vai sendo estudado a se posicionar com clareza perante essa questão dialética. Tanto que Clímacus valorizará acima da poética o pensador subjetivo e dialético. Nesse estudo, o poético é criticado por querer sempre o novo, e assim, se perder de "a pureza singela do ético"(Idem. p. 148), pois é no qualificar que está a ética e não na confusão quantificadora e desnorteada de produções artísticas sem sentido.

Contudo, Clímacus diz que o ético não precisa de aparências ou cenários poéticos, mas é sim num cenário duvidoso que podemos exercitar um olhar mais humano. Dessa maneira, "é exatamente o histórico-universal, onde o ético, tal como a natureza, de acordo com as palavras do poeta, serve *knechtisch dem Gesetz der Schwere* [al.: subjugado à lei da gravidade]" (Idem. p. 148, grifos no original)<sup>11</sup>

O ético como um absoluto infinitamente válido em si faz com que a visão mundial histórica se torne dúbia e nisso necessita dessa contradição kierkegaardiana. Segue-se a essas meta-perspectivas que Clímacus dirá que há um grande engano entre a substância e a massa. Compreender a ética é mais como fazer uma aritmética, pois é muito mais calcular com números abstratos a multiplicidade de visões, observações e pontos de vista para com isso perceber o que há de substancial na existência humana. E isso é, de certa forma, a meta-perspectiva que o próprio Kierkegaard realizou com a vida poética dos seus pseudônimos.

---

<sup>11</sup> "The ethical, just like nature, according to the poet, serves *knechtisch dem Gesetz der Schwere* [the law of gravity slawishly], (nota 178) since the differential of quantity is also a law of gravity." Segue-se à citação "The more the ethical can be simplified, the better one sees it" (p. 142), na tradução portuguesa não fica tão claro essa última parte, dizendo que "quanto mais a ética possa ser simplificada, o melhor é que alguém possa ver isto".

## Referências

DOBRE, Catalina & MARTINEZ, Luis & PAVÓN, Rafael. *Los seudónimos en la comunicación existencial*. México: Soc. Iberoamericana de Estudios kierkegaardianos, 2011.

GOUVÊIA, Ricardo. *Paixão Pelo Paradoxo: uma introdução a Kierkegaard*. São Paulo: Novo Século, 2000.

\_\_\_\_\_. *A paixão pelo paradoxo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

KIERKEGAARD, s. *Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. *Concluding unscientific postscriptum to Philosophical fragments*. V.1. Edited and Translated by Howard, V. Hong and Edna, H. Hong (XII, 1.), 1992.

\_\_\_\_\_. *La enfermedad mortal*. Madrid: Trotta, 2008.

\_\_\_\_\_. *Pós-escrito conclusivo não-científico às Migalhas filosóficas*. Trad. de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Postscriptum no científico y definitivo a migajas filosóficas*. Santa Fé, México: Universidad Iberoamerica: 2008.

LOURENÇO, E. *Heterodoxia*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1987.

MACKEY, L. *Kierkegaard: A kind of poet*. Pennsylvania, EUA: University of Pennsylvania, 1971.

POLITIS, H. *Kierkegaard Vocabulaire*. Paris: Ellipses Edition Marketing, 2002.

---

Texto recebido em: 15/05/2014  
Aceito para publicação em: 24/07/2014